

FACULDADE DE LETRAS  
INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

*RUI M. S. CENTENO*

O TESOURO DE DENARIII  
DO ALTO DO CORGO  
(CONCELHO DE VALENÇA)



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

1977

Separata de *CONIMBRIGA*

Vol. XVI — 1977

## O TESOURO DE DENARII DO ALTO DO CORGO

(CONCELHO DE VALENÇA)

O tesouro do Alto do Corgo (freguesia de S. Miguel de Fontoura, concelho de Valença, distrito de Viana do Castelo) não é inteiramente desconhecido na bibliografia numismática portuguesa. Alguns pormenores deste achado — localização, recipiente em que se encontrava (vaso de ferro?) número aproximado e época dos numismas — são revelados numa notícia publicada por M. de Castro Hispólito no seu inventário dos tesouros romanos aparecidos em Portugal<sup>(1)</sup>.

Entre as diversas referências a achados monetários que figuram em *O Minho Pittoresco*<sup>(2)</sup>, encontra-se uma que fornece elementos importantes sobre o tesouro do Alto do Corgo. Escreve José Augusto Vieira que «no lugar do Grove, sítio do Corgo, existe igualmente um monte arredondado, com fosso para o lado da estrada velha de Coura, onde têm sido encontrados fragmentos de louça grossa e outros objectos estranhos aos usos do nosso tempo. E em Janeiro de 1884 o pedreiro Manuel Pontes, encontrou neste sítio umas 37 moedas de prata [...]»<sup>(3)</sup>. Mais adiante<sup>(4)</sup>, são descritos e ilustrados sete *denarii* do tesouro o que nos permitiu a sua perfeita identificação e datação:

---

<sup>(1)</sup> M. DE CASTRO HIPÓLITO, «Dos tesouros de moedas romanas em Portugal», *Conimbriga*, II-III, 1960-61 (=HIPÓLITO), n.º 1.

<sup>(2)</sup> JOSÉ AUGUSTO VIEIRA, *O Minho Pittoresco*, 2 tomos, Lisboa, 1886.


<sup>(3)</sup> J. A. VIEIRA, *op. cit.*, tomo I, p. 111. A grafia desta passagem foi actualizada.

<sup>(4)</sup> *Ibidem*, p. 116-117.

Esta referência de José Augusto Vieira, além de precisar a notícia publicada por Castro Hipólito (p. ex., data do achado, número de moedas, nome do achador), transmite novas informações de grande importância que, por um lado, possibilitam o conhecimento de parte (sete moedas) do conjunto monetário e, por outro, sugerem que o achado se verificou num povoado, certamente, um castro («monte arredondado, com fosso [...] onde têm sido encontrados fragmentos de louça grossa e outros objectos»).

Os sete numismas conhecidos deste tesouro (quatro *denarii* republicanos e três de Augustus) situam-se cronologicamente<sup>(5)</sup> entre 109 ou 108 a.C. e 2 a.C.-circa 4 d.C., distribuindo-se pelos seguintes ateliers:

- moedas republicanas: Roma (3 ex.)  
Sicília (1 ex.)
- moedas imperiais: Colonia Patricia (1 ex.)  
Lugdunum (2 ex.).

O *denarius* de Colonia Patricia<sup>(6)</sup> apresenta no anverso a seguinte marca de punção: 

A data do ocultamento do conjunto monetário do Alto do Corgo é difícil de estabelecer, uma vez que conhecemos apenas uma pequena parte (18,90%) do total das moedas. Tendo em atenção a peça mais recente do lote estudado<sup>(7)</sup>, podemos, todavia, sugerir que a ocultação do achado se verificou no tempo de Augustus, mais precisamente em data posterior a 2 a.C.-c. 4 d.C.. Aliás,

<sup>(5)</sup> Para a datação do numerário seguimos as obras de referência indicadas no catálogo. Contudo, procedemos a uma afinação da cronologia dos *denarii* imperiais, utilizando os trabalhos que se seguem: H. MATTINGLY, *Coins of the Roman Empire in the British Museum, vol. I: Augustus to Vitellius*, Londres, 1923 (reimpr. 1976); A. S. ROBERTSON, *Roman imperial coins in the Hunter Coin Cabinet, University of Glasgow, vol. I: Augustus to Nerva*, Londres, 1962; C. H. V. SUTHERLAND e C. M. KRAAY, *Catalogue of coins of the Roman Empire in the Ashmolean Museum, part I: Augustus* (c. 31 B. C.-A. D. 14), Oxford, 1975.

<sup>(6)</sup> Catálogo, n.º 5.

<sup>(7)</sup> Catálogo, n.º 7.

como se pode ver no quadro que apresentamos mais abaixo, existem na Península Ibérica outros tesouros augústeos com uma cronologia semelhante, o que nos leva a pensar que a datação proposta, apesar de insegura, não é forçada.

No capítulo respeitante às motivações do ocultamento do tesouro o problema é também muito delicado. Mas uma reflexão sobre o material do quadro seguinte, em que se apresenta uma tentativa de ordenação cronológica, por períodos, dos tesouros peninsulares da época de Augustus<sup>(8)</sup>, pode fornecer-nos alguns elementos.

	Lusitânia	Bética	Tarraconense	Noroeste <sup>(9)</sup>
29-14 a.C. <sup>(10)</sup>	Herdade da Gra-lheira <sup>1</sup>	Cortijo del Álamo <sup>2</sup>	Tricio <sup>3</sup>	Monte Mozinho <sup>4</sup> Citânia de Sanfins <sup>5</sup> Sobre Sá <sup>6</sup> Ramallás <sup>7</sup>
14-2 a.C.	Barroca do Antero <sup>8</sup> Fraga da Safri-nha <sup>10</sup> Abertura <sup>11</sup>			Junqueira <sup>9</sup>
2 a.C.-14 d.C.	Alcobaça <sup>12</sup>		Albacete <sup>13</sup>	Vales <sup>14</sup> S. Priz <sup>15</sup> Alto do Corgo <sup>16</sup> Cálogo <sup>17</sup>
27 a.C.-14 d.C.	Carregal <sup>18</sup>		Lérida <sup>19</sup> Termancia <sup>20</sup>	

<sup>(8)</sup> Esta relação de tesouros não tem a pretensão de ser exaustiva. O seu carácter provisório é sobretudo válido para o território espanhol onde, exceptuando a Galiza, a inventariação dos tesouros romanos se encontra mais atrasada.

Note-se que não incluímos no quadro o tesouro de Tourém, concelho de Montalegre (HIPÓLITO, n.º 22) uma vez que temos conhecimento de dois

1. Conc. de Mértola, distr. de Beja. HIPÓLITO, n.º 128; M. H. CRAWFORD, *Roman republican coin hoards*, Londres, 1969 (= *Coin hoards*), n.º 469.
2. Prov. de Jaén. M. LÓPEZ SERRANO, «Tesorillo de denarios romanos del Cortijo del Álamo (Jaén)», *Numario Hispánico*, VII, 13, 1956, p. 25-47; *Coin hoards*, n.º 464.
3. Prov. de Logroño. *Coin hoards*, n.º 483.
4. Conc. de Penafiel, distr. do Porto. R. M. S. CENTENO, *Moedas romanas no Museu de Antropologia «Dr. Mendes Corrêa» (Porto)*, I. *Época republicana* (em impressão).
5. Conc. de Paços de Ferreira, distr. do Porto. A. DO PAÇO «Tesouro monetário da Citânia de Sanfins», *Anais da Academia Portuguesa da História*, II série, 6, 1955, p. 189-275; HIPÓLITO, n.º 50; *Coin hoards*, n.º 463.
6. Conc. de Santo Tirso, distr. do Porto. Este tesouro, aparecido em 1971, encontra-se ainda inédito. A datação que propomos fundamenta-se em informações do Dr. Carlos Alberto Ferreira de Almeida que observou um lote considerável de moedas e em alguns *denarii* que possuímos sendo o mais recente (RIC 23) de 25-23 a.C..
7. Prov. de Zamora. H. MATTINGLY, «A hoard of Roman denarii from Spain (Ramallás)», *The Numismatic Chronicle*, 5.ª série, XV, 1935, p. 289-291; *Coin hoards*, n.º 484.

*denarii* do achado — um de Nerva (RIC 25) e outro de Traianus (RIC 272) — pertencentes ao P.º A. Lourenço Fontes, de Vilar de Perdizes (conc. de Montalegre), que fazem baixar a sua cronologia para o primeiro quartel do séc. II da nossa era.

(9) A divisão geográfica adoptada tem como finalidade tornar o quadro mais elucidativo, porque, além de termos individualizado o Noroeste peninsular da Tarraconense, a divisão da Hispânia em três províncias é posterior ao nosso período I. Sobre este assunto veja-se, J. DE ALARCÃO, *Portugal romano* (Col. «Historia-Mundi», n.º 33), Lisboa, 1973, p. 49-50.

(10) A escolha do ano 29 a.C. para o início do período I justifica-se pelo facto desta data marcar o começo das chamadas guerras cantábricas. Parece-nos, assim, conseguir uma maior homogeneidade neste período, nomeadamente para o Noroeste. Para os aspectos cronológicos das guerras cantábricas veja-se, R. SYME, «The conquest of North-West Spain», *Legio VII Gemina*, Leão, 1970, p. 79-107.

8. Penamacor, distr. de Castelo Branco. HIPÓLITO, n.º 92, *Coin hoards*, n.º 502.
9. Conc. de Moncorvo, distr. de Bragança. HIPÓLITO, n.º 46.
10. Conc. de Oliveira do Hospital, distr. de Coimbra. HIPÓLITO, n.º 83.
11. Prov. de Cáceres. J. RAMÓN y FERNANDEZ, «De numismática extremeña», *Boletín del Seminario de Estudios de Arte y Arqueología*, XV, 45-50, Valladolid, 1949, p. 79-88; *Coin hoards*, n.º 496.
12. Distr. de Leiria. F. MATEU y LLOPIS, «Hallazgos monetarios (V)», *Ampurias*, IX-X, 1947-1948, p. 78-79, n.º 274.
13. Prov. de Albacete. L. VILLARONGA, «Tesorillo de Albacete del año 1906», *Ampurias*, 33-34, 1971-72, p. 305-320.
14. Conc. de Vila Pouca de Aguiar, distr. de Vila Real. HIPÓLITO, n.º 31.
15. Conc. de Ponte da Barca, distr. de Viana do Castelo. HIPÓLITO, n.º 5.
16. Conc. de Valença, distr. de Viana do Castelo.
17. Prov. de Pontevedra. J. FILGUEIRA VALVERDE e A. GARCIA ALÉN, «Materiales para la carta arqueológica de la provincia de Pontevedra», *El Museo de Pontevedra*, VIII, 1954-1956, p. 179.
18. Conc. de Penamacor, distr. de Castelo Branco. HIPÓLITO, n.º 91.
19. Prov. de Lérida. F. MATEU y LLOPIS, «Hallazgos monetarios (XI)», *Numario Hispánico*, III, 6, 1954, p. 252, n.º 725.
20. Prov. de Sória. F. MATEU y LLOPIS, «Hallazgos monetarios (XXII)», *Numisma*, XXII, 1972, p. 147, n.º 1483.

A quantidade de tesouros augústeos aparecidos na Hispânia é considerável<sup>(11)</sup>, coisa que não é normal noutras regiões do

(11) Note-se que para o Oeste peninsular são conhecidos apenas 25 tesouros dos séculos I e II, exceptuando Augustus (cf. I. PEREIRA, J.-P. BOST e J. HIERNARD, *Fouilles de Conimbriga, III. Les monnaies*, Paris, 1974, p. 222-223), enquanto para um período cerca de quatro vezes menor, a mesma área (Noroeste e Lusitânia) fornece 15 conjuntos monetários.

Império Romano<sup>(12)</sup>. Este elevado número de achados deve ser o reflexo, nomeadamente no caso do Noroeste, dum clima de insegurança social que se viveu na Península, provocado pelas campanhas militares romanas contra os Cântabros e os Ástures.

Como é sabido, a guerra foi um dos principais factores do entesouramento na Antiguidade<sup>(13)</sup>. Apesar de tudo, procurar-se uma justificação exclusivamente militar para todos os conjuntos monetários augústeos da Lusitânia, da Bética e da Tarraconense será, com certeza, uma deturpação da realidade. Sem negar que alguns dos tesouros tivessem sido motivados pelas campanhas do Noroeste parece, contudo, de admitir que a maioria resultou da necessidade que mesmo em tempos de paz havia de cada um proteger as suas economias<sup>(14)</sup>.

O entesouramento no Noroeste peninsular tem que ser encarado de modo diferente, uma vez que esta região foi o palco das guerras cantábricas decorridas entre 29 e 19 a.C.. Durante o governo de Augustus só se documentam novas rebeliões em 16 a.C.<sup>(15)</sup>. Todavia, a paz nunca deve ter sido total, o que teria justificado, em parte, a presença dum forte dispositivo militar na área, até Vespasianus<sup>(16)</sup>. Vivia-se, portanto, num ambiente propício ao entesouramento que nos é confirmado pelo elevado número de conjuntos monetários detectados no Noroeste. Em

<sup>(12)</sup> Tenha-se em atenção o caso da Gália onde os tesouros augústeos são pouco frequentes, facto que é atribuído à calma que o território então gozou. Veja-se, M. THIRION, *Les trésors monétaires gaulois et romains trouvés en Belgique* (Cercle d'Études Numismatiques, Travaux 3), Bruxelas, 1967, p. 15; A. BLANCHET, *Les trésors de monnaies romaines et les invasions germaniques en Gaule*, Paris, 1900 (reimpr. 1975), p. 53.

<sup>(13)</sup> Os tesouros peninsulares, durante o período republicano, estão normalmente ligados a operações militares. Cf. A. M. DE GUADAN, *Numismática ibérica e ibero-romana* (Biblioteca Archaeologica, VI), Madrid, 1969, p. 29-35.

<sup>(14)</sup> Hipótese semelhante é posta por L. VILLARONGA, «Tesorillo de Albacete del año 1906», *Ampurias*, 33-34, 1971-72, p. 320.

<sup>(15)</sup> A. SCHULTEN, *Los cántabros y astures y su guerra con Roma* (Colección Austral, n.º 1329), Madrid, 1962, p. 190.

<sup>(16)</sup> É evidente que este elevado número de tropas tinha como principal finalidade a protecção das regiões mineiras. Sobre os contingentes militares instalados no Noroeste veja-se, R. F. JONES, «The Roman military occupation of North-West Spain», *The Journal of Roman Studies*, LXVI, 1976, p. 45-66.

nossa opinião os tesouros do período I (29-14 a.C.) devem estar relacionados com as campanhas militares efectuadas na região. Por outro lado, os tesouros monetários dos períodos II e III, incluindo-se neste último o achado do Alto do Corgo, terão sido motivados pelo clima de insegurança que continuou a verificar-se. Assinalemos finalmente que a quantidade considerável de conjuntos monetários encontrados no Noroeste, atesta uma penetração em massa do numerário romano, contrastando fortemente com o panorama do período anterior a 29 a.C., para o qual não conhecemos algum tesouro datado com segurança<sup>(17)</sup>.

RUI M. S. CENTENO

<sup>(17)</sup> Este assunto é por nós tratado em *Moedas romanas no Museu de Antropologia «Dr. Mendes Corrêa» (Porto), I. Época republicana* (em impressão).

N.º	Anverso	Reverso	Referências
	L. MEMIUS — Roma, 109 ou 108 a.C.		
1	Cabeça de um jovem (Apolo?) com coroa de carvalho; em frente, *. Orla de pontos.	<i>Dioscuri</i> em pé e de frente entre os seus cavalos, segurando, cada um, a lanca; no exergo, L·MEMMI. Orla de pontos.	RRC 304/1
	L. AURELIUS COTTA — Roma, 105 a.C.		
2	Busto de Vulcano adornado, com o barrete lareado e com a tenaz sobre o ombro; atrás, *, em volta, uma coroa. Orla de pontos.	Águia no raio à direita; em baixo, L·COT; à direita, marca de controlo, B. Orla de pontos.	RRC 314/1c
	C. MAMILLIUS LIMETANUS — Roma, 82 a.C.		
3	Busto de Mercúrio adornado e com caduceu sobre o ombro; atrás, marca de controlo, (?). Orla de pontos.	Ulisses em pé à direita, segurando o bastão na mão esquerda e estendendo a mão direita para o cão, Argos; à esquerda, C·MAMIL ↓; à direita, LIMETAN ↓. Orla de pontos.	RRC 362/1
	SEX. POMPEIUS MAGNUS PIUS — Sicília, 42-40 a.C.		
4	Cabeça de Gn. Pompeius Magnus; atrás, jarro; em frente, <i>lituus</i> ; em volta, MAG·PIVS·IMP·ITER· Orla de pontos.	Neptuno em pé à esquerda, diademado, segurando o <i>aplustre</i> na mão direita e o manto sobre o braço esquerdo; apoiando o pé direito na proa; em cada lado, um dos irmãos da Catânia, transportando seu pai aos ombros; em cima, PRAEF; no exergo, CLAS·ET·ORAE / MARIT·EX·S·C. Orla de pontos.	RRC 514/3a

AUGUSTUS (27 a.C.-14 d.C.)

*Colonia Patricia* (?), 19-16 a.C.

5	Cabeça descoberta de Augustus; atrás, CAESAR ↓; em frente, AVGVSTVS ↑; marca de punção na cara. Orla de pontos.	Coroa de carvalho; em cima, OB CIVIS; em baixo, SERVATOS. Orla de pontos.	RIC 289
	<i>Lugdunum</i> 14-12 ou 11-9 a.C.		
6	Cabeça descoberta de Augustus; atrás, AVGVSTVS; em frente, DIVIF ↓.	Touro investindo à direita; no exergo, IMPX ou xij. Orla em linha.	RIC 327 ou 334
	2 a.C.-c. 4 d.C.		
7	Cabeça laureada de Augustus; em volta, CAESAR AVGVSTVS·DIVI F PATER PATRIAE. Orla de pontos.	Caius e Lucius em pé e de frente, segurando cada um a lanca e o escudo; em cima, <i>lituus</i> à esquerda e <i>simpulum</i> à direita; em volta, C·L·CAESARES AVGVSTI F COS DESIG·PRINC·IVVENT· Orla de pontos.	RIC 350

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

RIC H. MATTINGLY e E. A. SYDENHAM, *The Roman imperial coinage*, vol. I.: *Augustus to Vitellius*, Londres, 1923 (reimpr. 1972).

RRC M. H. GRAWFOORD, *Roman republican coinage*, 2 vols., Cambridge, 1974.

*N. B.* — As efígies do anverso estão voltadas à direita.

— As moedas n.ºs 2 e 3 são *denarii serrati*.